e-ISSN 1809-2667

ARTIGO ORIGINAL
DOI: 10.19180/1809-2667.v28n3.2026.23741

Submetido em: 18 ago. 2026 | Aceito em: 15 out. 2026 | Publicado em: 11 nov. 2026

Memórias da Casa Grande: hierarquias simbólicas e apagamentos na narrativa turística e museológica de Quissamã-RJ

Memories of the Casa Grande: symbolic hierarchies and erasures in the tourist and museological narrative of Quissama, Rio de Janeiro, Brazil

Memorias de la Casa Grande: jerarquías simbólicas y borramientos en la narrativa turística y museológica de Quissama, Rio de Janeiro, Brasil

Paulo Henrique Prado da Silva E-mail: 1pauloprado@gmail.com
Natália Rodrigues Codeço Ribeiro E-mail: nataliarcodecor@gmail.com

Resumo: Este artigo analisa como a memória de Quissamã-RJ é selecionada em dois materiais institucionais: a exposição permanente do Museu Casa Quissamã e o mapa turístico disponibilizado pela Prefeitura. A partir de uma abordagem qualitativa, o trabalho é orientado pela análise dos elementos que compõem a exposição permanente do Museu, incluindo fotografias, pinturas, objetos, painéis informativos e demais recursos expositivos, bem como pela leitura visual do mapa turístico disponibilizado pela Prefeitura. O argumento central é que tanto o museu quanto o mapa valorizam, de modo recorrente, edificações históricas, fazendas, casarões, ruínas, símbolos administrativos e trajetórias vinculadas às famílias proprietárias e às elites locais, produzindo uma narrativa marcada pela centralidade da Casa Grande, do patrimônio arquitetônico e do passado aristocrático. Em contrapartida, as memórias negras, indígenas e quilombolas aparecem de forma reduzida, secundária, indireta ou pouco nomeada, mesmo quando se trata de territórios como a comunidade tradicional quilombola Machadinha. Desta forma, conclui-se que os dispositivos analisados preservam vestígios do passado, mas produzindo hierarquias simbólicas, definindo quais pessoas, espaços e experiências são valorizados como memória em Quissamã.
Palavras-chave: memória; fotografia; mapa turístico; Museu Casa Quissamã; patrimônio.

Abstract: This article analyzes how the memory of Quissama, Rio de Janeiro, is selectively constructed through two institutional materials: the permanent exhibition of the Museu Casa Quissama and the tourist map made available by the Municipal Government. Adopting a qualitative approach, the study is guided by an analysis of the elements that compose the permanent exhibition of the Museu Casa Quissama, including photographs, paintings, objects, informational panels, and other exhibition resources, as well as by a visual reading of the tourist map provided by the Municipal Government of Quissama. The central argument is that both the museum and the map recurrently emphasize historic buildings, farms, manor houses, ruins, administrative symbols, and trajectories associated with landowning families and local elites, thereby producing a narrative marked by the centrality of the Casa Grande, architectural heritage, and the aristocratic past. By contrast, Black, Indigenous, and quilombola memories appear in reduced, secondary, indirect, or scarcely identified forms, even in relation to territories such as the traditional quilombola community of Machadinha. The article concludes that the analyzed devices preserve traces of the past while simultaneously producing symbolic hierarchies by defining which people, spaces, and experiences are valued as memory in Quissama.
Keywords: memory; photography; tourist map; Museu Casa Quissama; heritage.

Resumen: Este artículo analiza cómo la memoria de Quissama, Río de Janeiro, es seleccionada a través de dos materiales institucionales: la exposición permanente del Museu Casa Quissama y el mapa turístico puesto a disposición por el Gobierno Municipal. Desde un enfoque cualitativo, el trabajo se orienta por el análisis de los elementos que componen la exposición permanente del Museu Casa Quissama, incluidas fotografías, pinturas, objetos, paneles informativos y otros recursos expositivos, así como por la lectura visual del mapa turístico proporcionado por el Gobierno Municipal de Quissama. El argumento central sostiene que tanto el museo como el mapa valorizan de manera recurrente edificaciones históricas, haciendas, casonas, ruinas, símbolos administrativos y trayectorias vinculadas a las familias propietarias y a las élites locales, produciendo una narrativa marcada por la centralidad de la Casa Grande, del patrimonio arquitectónico y del pasado aristocrático. En contrapartida, las memorias negras, indígenas y quilombolas aparecen de forma reducida, secundaria, indirecta o escasamente identificada, incluso cuando se trata de territorios como la comunidad tradicional quilombola de Machadinha. Se concluye que los dispositivos analizados preservan vestigios del pasado, al tiempo que producen jerarquías simbólicas al definir qué personas, espacios y experiencias son valorizados como memoria en Quissama.
Palabras clave: memoria; fotografía; mapa turístico; Museu Casa Quissama; patrimonio.

Introdução

Ao pensarmos nos espaços e materiais capazes de cultivar memórias sociais de um município, os museus e os instrumentos de divulgação turística aparecem como instâncias privilegiadas. Os espaços museológicos participam ativamente da construção de sentidos sobre a memória coletiva e os pertencimentos sociais; do mesmo modo, os mapas turísticos produzidos institucionalmente orientam o olhar do visitante e indicam quais lugares são reconhecidos como patrimônio, cultura e identidade local.

É a partir dessa realidade que este artigo analisa o caso de Quissamã-RJ, município do Norte Fluminense, tomando como objeto a exposição permanente do Museu Casa Quissamã e o mapa turístico disponibilizado pelo *website* da Prefeitura Municipal. O objetivo é compreender como esses materiais institucionais participam da construção pública da história local, observando de que modo fotografias, ilustrações, ruínas, casarões, fazendas, igrejas e territórios quilombolas são mobilizados para produzir determinadas representações.

A análise articula, portanto, dois planos complementares: de um lado, o museu, entendido como instituição de memória que preserva e expõe imagens do passado; de outro, o mapa turístico, compreendido como linguagem visual que seleciona e organiza os lugares considerados representativos de Quissamã. Em ambos os casos, buscou-se identificar quais grupos, espaços e narrativas são protagonistas na representação do município e quais experiências aparecem de forma reduzida, indireta ou ausente.

Para tanto, a questão que orienta a reflexão pode ser formulada da seguinte maneira: quais memórias e identidades sociais são selecionadas para representar o município na exposição permanente do Museu Casa Quissamã e em seu mapa turístico? A análise parte da compreensão de que a memória pública institucionalizada é resultado de um processo social de escolha. Aquilo que aparece como identidade local institucionalizada resulta de disputas simbólicas nas quais alguns personagens e espaços são tornados visíveis, enquanto outros permanecem secundarizados ou silenciados.

No caso de Quissamã, essa discussão ganha especial relevância porque o próprio nome do município é associado, segundo informações divulgadas pela Prefeitura Municipal, a uma origem africana. A narrativa oficial informa que, quando os chamados "Sete Capitães" chegaram à região no século XVII, encontraram um homem negro vivendo entre indígenas e, ao perguntarem sua origem, ele teria respondido que pertencia à "Nação Kisama", na África. A partir disso, os exploradores teriam passado a utilizar esse nome para designar a localidade (Quissamã, [2026]).

Essa referência à origem africana do nome do município evidencia a complexidade dos processos históricos e culturais que constituem a identidade local. No entanto, ela também revela uma contradição: embora Quissamã carregue em sua própria denominação uma memória vinculada à presença africana e ao encontro com populações indígenas, os dispositivos institucionais de memória parecem acessar e valorizar, de modo mais recorrente, a história das famílias proprietárias, das antigas fazendas, dos casarões e das edificações ligadas à aristocracia rural. Assim, a origem afro e indígena aparece como parte da narrativa fundadora do município, mas não ocupa, necessariamente, o centro da memória pública visualmente construída pelo museu e pelo mapa turístico. Desse modo, o artigo busca demonstrar que a memória pública do município, tal como aparece no museu e no mapa turístico, tende a privilegiar a centralidade das famílias proprietárias, das edificações senhoriais e do patrimônio arquitetônico, enquanto as experiências negras, indígenas e quilombolas são incorporadas de modo lateral, reduzido ou pouco explicitado.

CC BY

Metodologia

Do ponto de vista metodológico, este artigo adota uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo-interpretativo, orientada pela análise dos elementos que compõem a exposição permanente do Museu Casa Quissamã, incluindo fotografias, pinturas, objetos, painéis informativos e demais recursos expositivos, bem como pela leitura visual do mapa turístico disponibilizado pela Prefeitura Municipal de Quissamã. Tendo em vista que o mapa turístico reúne lugares situados em diferentes porções do território municipal, a análise toma como referência o município, e não exclusivamente seu núcleo urbano.

A pesquisa de campo foi realizada em maio de 2026, ocasião em que os autores produziram 113 registros fotográficos da exposição permanente do Museu Casa Quissamã. A partir desse material, foram selecionados para análise os registros mais diretamente relacionados a dois eixos temáticos: (i) a memória da Casa Grande e das famílias proprietárias; e (ii) a presença de populações negras e indígenas na exposição.

No que concerne à seleção, privilegiaram-se os elementos que permitiam observar como esses grupos eram apresentados e contextualizados no espaço museológico. Entre os registros produzidos durante a pesquisa de campo, oito documentam conteúdos diretamente associados à população negra e à sua cultura. Esse dado possui caráter descritivo e não corresponde a uma proporção do acervo do museu, uma vez que os 113 registros resultam da documentação fotográfica realizada pelos autores durante a visita. Já o mapa turístico foi analisado em sua versão disponibilizada digitalmente pela Prefeitura Municipal (Quissamã, [2023]), considerando-se os pontos turísticos destacados e numerados, bem como as ilustrações que os acompanham.

Quanto à técnica, combina-se elementos da análise de conteúdo imagético, a partir dos três modelos analíticos da fotografia propostos por Dubois (1994), com a leitura da multimodalidade da memória proposta por Farias e Nery (2016), articulando descrição, interpretação e contextualização histórica dos elementos visuais selecionados.

Memória, imagem e representação simbólica

Nesse sentido, temos que, primeiramente, a memória pode ser compreendida como uma categoria biológica ou psicológica, relacionada à capacidade de armazenar e conservar informações. No entanto, para os objetivos deste artigo, interessa pensá-la como elemento constitutivo da identidade de um lugar, isto é, como uma dimensão compartilhada e socialmente construída. Partindo das reflexões de Abreu (1998) sobre a memória das cidades, interessa-nos especialmente compreender como determinados espaços, grupos e instituições participam da seleção e valorização dos vestígios que passam a representar o passado de um lugar.

Sendo assim, ao deslocarmos a memória do plano individual para o plano coletivo, torna-se possível compreendê-la a partir das relações sociais e de sua materialização em paisagens, instituições, monumentos, práticas culturais e narrativas oficiais. A memória municipal, portanto, além de corresponder ao que institucionalmente se "guarda" de seu passado, se relaciona sobretudo ao modo como determinados grupos, instituições e discursos selecionam certos vestígios como dignos de permanência. Por isso, a memória é produzida e disputada.

Essa dimensão seletiva da memória também é destacada por Bento (2022), ao afirmar que:

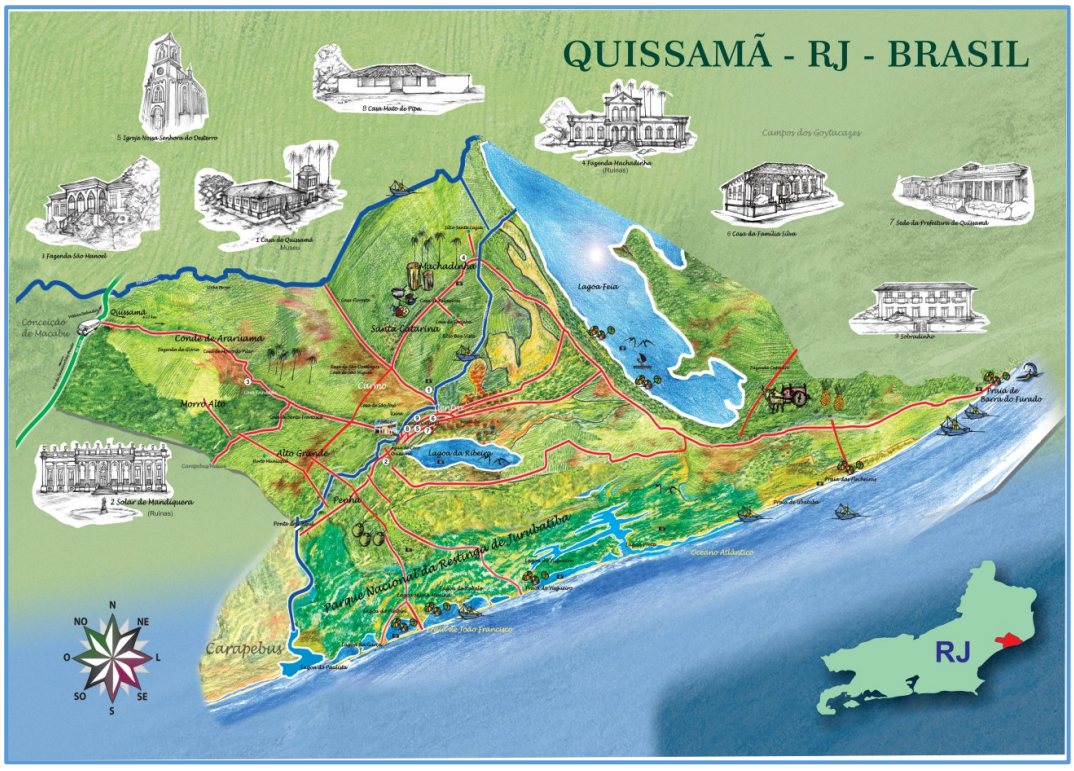
> Memória é também construção simbólica, por um coletivo que revela e atribui valores à experiência passada e reforça os vínculos da comunidade. E memória pode ser também a revisão da narrativa sobre o passado 'vitorioso' de um povo, revelando atos anti-humanitários que cometeram — os quais muitas vezes as elites querem apagar ou esquecer [Bento, 2022, p. 39].

Desta forma, temos que museus e outros acervos são instituições de memória, isto é, espaços responsáveis pela preservação dos vestígios do passado. Contudo, Abreu (1998) alerta que a valorização da memória não deve ser tomada como neutra. Ao contrário, a preservação do passado pode privilegiar determinadas histórias e identidades em detrimento de outras. Do mesmo modo, Farias e Nery (2016) compreendem a memória como prática que envolve seleção, organização e atribuição de sentido às experiências do passado, atuando ao "selecionar, correlacionar e sintetizar imagens" relacionadas a acontecimentos, sentimentos e experiências já ocorridas (Farias; Nery, 2016, p. 11). Assim, todo trabalho de memória é também um trabalho de enquadramento: lembrar é escolher, relacionar e atribuir valor a determinados fragmentos do passado.

Essa relação entre memória, paisagem e identidade torna-se ainda mais evidente quando se observa que a memória também pode ser mobilizada como mercadoria, especialmente no campo do turismo. Como lembra Abreu (1998), desde o século XIX se reconhece que a imagem do município pode gerar valor econômico, notadamente por meio da atividade turística (Kearns; Philo, 1993 *apud* Abreu, 1998, p. 9). Assim, os materiais produzidos institucionalmente pelos municípios com fins turísticos acabam por selecionar certas imagens, contribuindo para definir quais passados são apresentados como representativos da identidade local.

Por tudo isso, o primeiro material analisado é o mapa turístico de Quissamã-RJ, disponibilizado no *site* da Prefeitura Municipal (Figura 1). O mapa orienta turistas sobre lugares destinados à cultura e ao lazer, mas também funciona como narrativa visual sobre aquilo que é institucionalmente apresentado como patrimônio, cultura e identidade local.

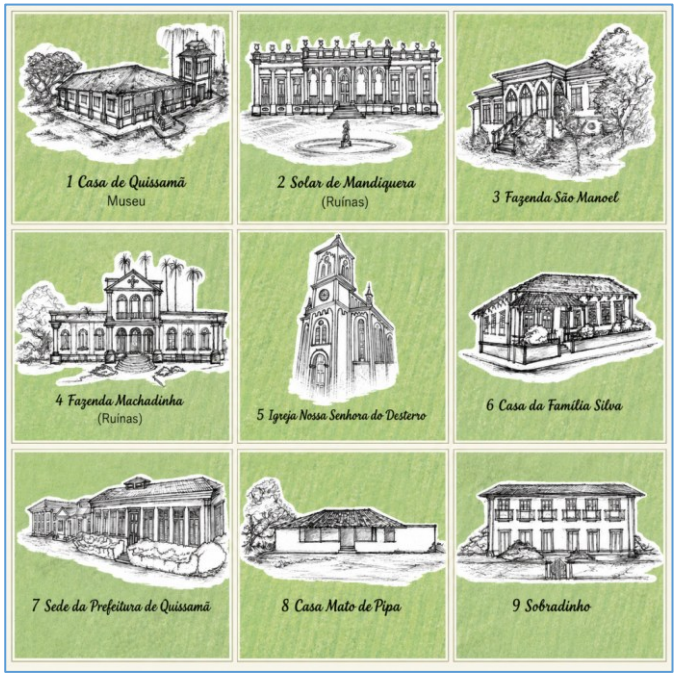
Figura 1. Mapa turístico de Quissamã-RJ



Fonte: Quissamã-RJ (2023)

No mapa, alguns pontos turísticos aparecem destacados e numerados: 1) Casa de Quissamã/Museu; 2) Solar de Mandiquera (ruínas); 3) Fazenda São Manoel; 4) Fazenda Machadinha (ruínas); 5) Igreja Matriz de Nossa Senhora do Desterro; 6) Casa da Família Silva; 7) Sede da Prefeitura de Quissamã; 8) Casa Mato de Pipa; e 9) Sobradinho (Figura 2).

Figura 2. Destaques do Mapa



Fonte: Imagem criada com ChatGPT (OpenAI) a partir de recortes do mapa turístico de Quissamã-RJ (2023)

Sendo assim, o destaque desses nove pontos turísticos nos permite perceber que o mapa valoriza, sobretudo, edificações históricas vinculadas ao patrimônio arquitetônico do município. Em sua maioria, os destaques remetem a fazendas, casarões (mesmo que em ruínas), igreja, museu e a sede administrativa do governo, compondo uma imagem de Quissamã associada ao passado que se mescla no aristocrático e institucional. Por outro lado, destaca-se o caso de Machadinha, território reconhecido como pertencente à comunidade quilombola, cuja história está diretamente vinculada à antiga fazenda da região. No local, famílias quilombolas permanecem vivendo em espaços historicamente associados às antigas senzalas.

Nesse sentido, embora Machadinha apareça no mapa turístico e seja representada pela fachada da antiga fazenda, identificada inclusive como ruína, observa-se uma ausência significativa: não há destaque para a comunidade quilombola, para o espaço da antiga senzala ou para o memorial existente no território. Essa ausência chama atenção justamente porque esses espaços permanecem em funcionamento e abertos à visitação, diferentemente das ruínas destacadas no material. Assim, o mapa parece privilegiar a dimensão arquitetônica e senhorial de Machadinha, associada à antiga fazenda, enquanto secundariza as memórias negras, quilombolas e afrodescendentes que dão sentido vivo ao lugar.

No que concerne às ilustrações presentes no interior do mapa, a região de Machadinha aparece ilustrada por tambores, o que pode sugerir uma referência ao jongo ou outras práticas culturais tradicionais (Figura 3). Contudo, essa memória não é explicitamente nomeada como quilombola, nem aparece valorizada da mesma forma que os patrimônios associados ao passado aristocrático.

Figura 3. Recorte da região de Machadinha no mapa turístico de Quissamã-RJ



Fonte: Quissamã-RJ (2023)

A partir disso, emerge a seguinte questão norteadora: quais memórias são selecionadas para representar o município? De maneira que o mapa ora apresentado ao eleger determinados pontos como destaques, numerá-los, ilustrá-los e apresentá-los como referências turísticas histórico-culturais, constrói uma hierarquia simbólica entre diferentes vestígios da história local?

A perspectiva da multimodalidade da memória, trabalhada por Farias e Nery (2016), auxilia-nos a compreender como o mapa turístico organiza visualmente determinados fragmentos do passado de Quissamã. Em diálogo com essa premissa, a teoria Elisiana também contribui para pensar o mapa como uma linguagem visual da cidade. Ao afirmar que "los miembros de una sociedad no conocen lo que no tiene representación simbólica en el idioma de esa sociedad" (Elias, 1994, p. 36), o autor chama atenção para a relação entre representação simbólica e reconhecimento social. De forma que nos permite observar que os elementos nomeados, desenhados e destacados tendem a adquirir maior força na memória pública do município. Já os espaços que aparecem apenas sugeridos, ou que não recebem nomeação explícita, ocupam uma posição mais frágil na narrativa oficial construída pelo material turístico.

Essa hierarquização simbólica observada no mapa turístico não aparece de forma isolada. Ela dialoga com uma política mais ampla de produção e divulgação da memória local em Quissamã. Fernandes (2017) observa que as ações governamentais de salvaguarda foram acompanhadas por "publicações subvencionadas pela Prefeitura como *folders*, *press-kits*, mapas ilustrados, jornais, revistas e livros" (Fernandes, 2017, p. 15-16). Desse modo, o mapa turístico pode ser compreendido como parte de um conjunto maior de materiais institucionais que divulgam uma determinada imagem do município.

Importa salientar, no caso de Quissamã, essa discussão exige considerar a escala espacial na qual essa memória é produzida. Embora a cidade e o município constituam categorias jurídicas distintas, bem como as áreas urbanas e rurais possuam delimitações normativas próprias, os materiais institucionais analisados neste artigo abrangem o território municipal como um todo.

O mapa turístico reúne lugares situados em diferentes porções do território, articulando fazendas, casarões, ruínas, espaços religiosos e administrativos, além de territórios historicamente associados à população quilombola. Com isso, a memória por nós investigada é compreendida como uma memória pública/institucionalizada de Quissamã, tecida a partir da seleção de lugares e experiências distribuídos por todo o município.

Nessa abordagem buscamos nos coadunar as especificidades e diferenciações entre os espaços urbanos e rurais. O próprio Plano Diretor de Quissamã (instituído pela Lei Complementar nº 12/2022) organiza o território por meio de macrozonas, distinguindo áreas rurais, área urbana, áreas de expansão urbana e zonas de transição (Quissamã, 2022). A existência dessa categorização territorial e normativa dialoga com a história regional, demonstrando que esses espaços mantiveram intensas trocas e conexões na formação social do Norte Fluminense.

Nesse sentido, as reflexões de Alves (2013) sobre Campos dos Goytacazes/RJ trazem contribuições fundamentais ao conceber campo e cidade como representações historicamente construídas e integradas em uma densa rede de relações. Ao analisar a formação do espaço urbano campista, a autora o caracteriza como uma construção constantemente permeada pelo mundo rural e em interação com ele. Em sua reconstituição histórica, Alves observa que a expansão da cidade manteve uma forte proximidade com os canaviais, trazendo a paisagem rural para dentro do próprio espaço urbano e configurando uma relação contínua e de entrelaçamento entre ambos. Nesse sentido, apesar de se tratar de municípios diferentes, tal constatação enriquece a leitura das espacialidades representadas em Quissamã, respeitando suas especificidades territoriais.

Sendo assim, para os fins desta pesquisa, interessa perceber como a narrativa institucional de Quissamã mobiliza e articula referências situadas em diferentes porções do município. O foco da análise volta-se a compreender quais lugares, grupos e trajetórias foram selecionados pelo poder público para representar o município e quais posições ocupam nessa narrativa. A dimensão espacial permanece central ao evidenciar que a construção da memória pública ultrapassa o núcleo urbano e mobiliza todo o território municipal.

Alves (2013) também contribui para pensar como a cidade pode ser mobilizada simbolicamente por grupos dominantes. Segundo a autora, "o espaço urbano era representado como espaço de poder pela elite local" (Alves, 2013, p. 7). Em Quissamã, essa relação parece se organizar menos pela ideia de modernização urbana e mais pela valorização do passado aristocrático e patrimonial. O município é apresentado por meio de fazendas, casarões, ruínas, museu, igreja e sedes institucionais, compondo uma imagem pública em que determinados grupos e espaços são convertidos em símbolos privilegiados da identidade local.

Assim, Fernandes (2017) afirma que, em Quissamã, há uma narrativa que associa "a história oficial do município a grandes personagens de uma mesma família" (Fernandes, 2017, p. 12). Mais adiante, ele sintetiza essa tendência ao afirmar que se trata de "uma história aristocrática que enfatiza grandes personagens" (Fernandes, 2017, p. 18). Essa observação contribui diretamente para a análise do mapa, pois muitos dos espaços destacados remetem justamente às antigas sedes de fazenda, aos solares, aos casarões e aos símbolos ligados às famílias tradicionais do município.

Nesse contexto, a centralidade da Casa de Quissamã/Museu também ganha relevância. Fernandes mostra que a publicação "Memória Visual e Afetiva de Quissamã" foi lançada junto à inauguração do Museu Casa de Quissamã, instalado na antiga sede da Fazenda Quissamã, "casarão onde residiu o Visconde de Araruama, José Carneiro da Silva" (Fernandes, 2017, p. 188). De maneira, que o museu aparece como um lugar privilegiado de materialização dessa memória familiar e aristocrática identificada como a principal em Quissamã.

Por isso, o caso de Machadinha precisa ser compreendido dentro desse quadro mais amplo. Enquanto a memória ligada ao Visconde, sua família e às antigas edificações senhoriais, aparecem estabilizada em livros, museu, casarões, ruínas e materiais turísticos, a memória negra e quilombola aparece de forma mais indireta. Machadinha é incluída no mapa, mas sua representação se dá principalmente pela antiga fazenda em ruínas, e não pela comunidade quilombola, pela senzala, pelo memorial ou pelas práticas culturais que seguem vivas no território. Desse modo, o mapa confirma uma tendência já identificada por Fernandes (2017): a construção de uma memória oficial que valoriza o passado aristocrático, ao mesmo tempo em que incorpora a memória negra e quilombola de modo mais controlado, lateral e menos centralizado.

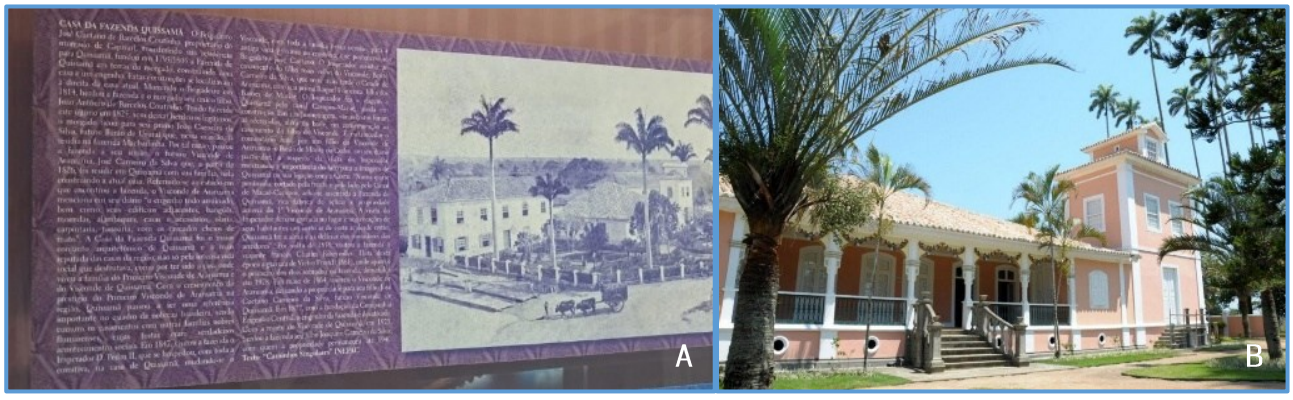
Essa dinâmica de seleção memorial dialoga com o que Paiva (2021) descreve como uma tensão persistente nas políticas brasileiras de patrimônio entre a valorização e o apagamento das heranças culturais afro-brasileiras, na qual os discursos oficiais tendem a reproduzir hierarquias sociais herdadas da escravidão. Essa hierarquia simbólica antecipa, no plano da representação visual, o que adiante discutiremos como "Trauma do Esquecimento" (Brasileiro, 2022): o cultivo institucional de memórias que privilegiam os colonizadores em detrimento das populações negras e indígenas.

O Museu Casa Quissamã e a memória da Casa Grande

A "Casa Rosa", como é conhecida localmente, foi construída em 1826, servindo como residência para o primeiro Visconde de Araruama, José Carneiro da Silva, e, posteriormente, tornou-se moradia do seu filho Visconde de Quissamã, João Caetano Carneiro da Silva. A Fazenda Quissamã, onde se localiza a casa, teve como hóspedes o Imperador Dom Pedro II, a Princesa Isabel e o Duque de Caxias. Fato constantemente destacado quando os meios de comunicação da prefeitura noticiam algo sobre o local (Quissamã, [2026]).

Após a compra da fazenda pela prefeitura, que já tinha sido anteriormente vendida para Cia. Engenho Central de Quissamã, foi transformada no "Museu Casa Quissamã" em 2005. Também se tornou sede do Parque Municipal da cidade para servir como espaço de lazer (Quissamã, [2026]). Na Figura 4 podemos observar a fotografia do local, Fazenda Quissamã, que está exposta no museu.

Figura 4. Fachada da Fazenda Quissamã



Fonte: Acervo pessoal do autor (2026) – Figura 4A e Quissamã-RJ (2026) – Figura 4B

Ao fundar um museu nesse local a prefeitura cria aquilo que Abreu nomeia como "instituições de memória", em que há uma valorização do passado ou daquilo que sobrou deste. Para ele esse movimento ocorre de maneira generalizada, revelando a necessidade da busca de novas formas de relação identitária "entre os homens e as mulheres do final do século XX e os conjuntos espaciais que lhes dão ancoragem no planeta, sejam eles os estados-nações, as regiões ou os lugares" [Abreu, 1998, p. 6].

Conforme já pontuamos, essa necessidade de preservar o passado promove a busca das raízes que supostamente darão a identidade do local. Porém, não podemos nos enganar e achar que essa valorização é neutra. Privilegiar determinadas histórias e identidades em detrimento de outras é um perigo e algo recorrente nas "instituições de memórias". Além disso, é necessário considerar o aspecto de mercadoria que essas instituições podem conter, tornando-se geradora de lucros por meio do turismo. É nesse sentido que as sociedades podem acabar presas em um passado, gerando equívocos sobre a história local e os conflitos sociais existentes [Abreu, 1998]. Como também aponta Silva (2020), as imagens são carregadas de sentidos e modos de representação social, participando da produção de memórias e identidades coletivas. Assim, buscamos adentrar o "Museu Casa Quissamã" para averiguar quais memórias são valorizadas naquele espaço, ou seja, aquelas que servem como base para a construção da identidade do local.

Consideramos aqui, partindo de Dubois (1994), que a fotografia pode ser compreendida a partir de três modelos analíticos: como espelho do real, como transformação do real e como vestígio do real. O primeiro concebe a imagem fotográfica como uma reprodução fiel da realidade; o segundo destaca a capacidade da fotografia de interpretar e reconstruir o mundo social; e o terceiro enfatiza seu caráter de índice, isto é, de marca deixada por algo que efetivamente existiu diante da câmera. Nessa última perspectiva, a fotografia ultrapassa sua dimensão meramente estética e documental, tornando-se um importante registro das relações sociais.

Ao tomarmos as representações imagéticas como vestígio do real e reconstrução do mundo social, torna-se fundamental compreender que a centralidade conferida às famílias proprietárias no Museu Casa Quissamã é um reflexo de uma tradição imagética consolidada no século XIX. Durante o Brasil Império, a expansão dos retratos de estúdio e das *cartes de visite* serviu como um ritual de autorrepresentação para a aristocracia rural e as elites agrárias. O estúdio fotográfico funcionava como um verdadeiro palco no qual os grandes proprietários rurais encenavam sua solidez familiar e seu poderio econômico. Nesse jogo de representações, a presença das populações escravizadas e negras ocorria predominantemente de forma secundarizada ou subordinada, voltada a reiterar a dominação senhorial [Leite, 2001].

Como podemos notar na Figura 5, por meio das imagens das fotografias e pinturas de retrato que estão em exposição permanente no museu, a memória cultivada é a da Casa Grande. A centralidade atribuída às famílias proprietárias da Fazenda Quissamã permite compreender que a preservação da memória local não ocorre de forma homogênea entre os diferentes grupos sociais. Ao privilegiar fotografias, pinturas de retrato, objetos, genealogias e trajetórias associadas aos setores dominantes da sociedade, a exposição contribui para a reprodução de uma narrativa construída a partir das elites locais. Nesse sentido, a memória institucionalizada pelo museu tende a conferir maior legitimidade às experiências dos grupos que historicamente ocuparam posições de poder econômico e político, enquanto as vivências de populações negras e indígenas aparecem de forma secundária ou pouco documentada.

Figura 5. Fotografia da exposição permanente sobre a família Carneiro da Silva



Fonte: Acervo pessoal do autor (2026)

Ao destacar apenas o grupo que deu força para colonização o museu contribui para o cultivo de uma memória coletiva baseada nessa única história de fundação do município. Uma narrativa baseada nos ideais da branquitude que nega e subalterniza as histórias de grupos marginalizados e colonizados (Bento, 2022). No caso de Quissamã, por exemplo, os indígenas Goytacazes, Puris e Corados e a comunidade negra local sequestrada do continente africano para serem escravizadas nessa terra são as histórias menos valorizadas nessa instituição de memória.

Dessa forma, todo o acervo exposto no museu busca materializar a reprodução fiel da história do município, porém peca ao priorizar majoritariamente apenas as memórias da Casa Grande, ou seja, apenas uma parte real do processo histórico da cidade. Portanto, compreendendo a capacidade da foto de interpretar e reconstruir o mundo social (Dubois, 1994), a história do município é interpretada e reconstruída a partir das narrativas dos senhores de engenho e da Casa Grande, colocados como heróis a serem celebrados pelos quissamaenses. A violência produzida por esse grupo para a construção do seu poder, econômico e político, aparece apenas como detalhe. Assim, o imaginário alimentado pelas imagens e textos que a acompanham é que a identidade do município é fruto da Casa Grande, esta como imagem valorativa para o município. Ao focar majoritariamente nesse grupo, apaga outras histórias fundamentais para a fundação de Quissamã.

Cabe ressaltar que, para uma memória ser reconhecida e valorizada, tornando-se uma corrente de pensamento contínuo, é necessário que ela ainda esteja viva ou capaz de se reverberar na consciência coletiva. Assim, essa memória da colonização e do destaque dado aos colonizadores tanto nessa exposição, quanto no mapa, só é possível devido ao imaginário social ser socialmente compartilhado. Ou seja, essa memória ganha destaque devido ao fato de diversos cidadãos compartilharem determinada perspectiva. Também podemos colocar esse movimento como fruto direto desse processo de valorização da Casa Grande, atravessando os sujeitos de modo a materializar essa postura.

Quando buscamos acessar o registro de outras memórias que não a dos colonizadores na exposição encontramos pouco material exposto no museu de maneira a apontar outras *nuances* que constituem a história e a identidade local. Na Figura 6 podemos observar o que a exposição aborda sobre corpos não brancos na construção da memória do município.

Figura 6. Fotografias da exposição relacionadas à população negra

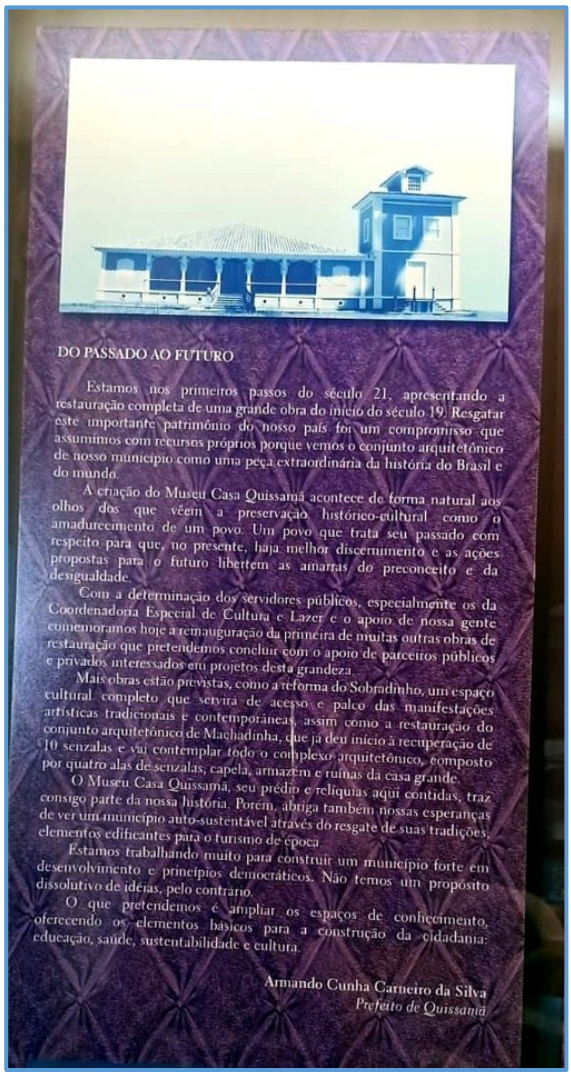


Fonte: Acervo pessoal do autor (2026)

Quando buscamos compreender como as populações negras e indígenas aparecem na narrativa construída pela exposição permanente, encontramos um conjunto restrito de representações. Na Figura 6 estão reunidos os elementos identificados na exposição relacionados à população negra, compostos por fotografias, desenhos e outros recursos visuais e textuais. Considerando os condicionantes históricos que marcaram a produção e a preservação dos registros fotográficos, a análise concentra-se nas formas de representação e nos sentidos atribuídos a esses grupos no interior da narrativa expositiva. No caso das populações indígenas, a ausência é ainda mais acentuada: não foi identificado qualquer material expositivo diretamente relacionado a esses povos, seja fotografia, pintura, objeto, peça artesanal ou outro recurso visual. Sua presença ocorre apenas no conteúdo textual da exposição, no qual os portugueses são apresentados como "desbravadores" e associados à ideia de "progresso", enquanto os povos indígenas são nomeados como "selvagens". A forma como esses grupos são incorporados à narrativa revela, assim, posições distintas na construção da memória apresentada pelo museu.

Ademais, é válido mencionar a relação entre a construção da memória institucional e o poder político local. O texto de abertura da exposição foi elaborado pelo então prefeito de Quissamã e descendente da família historicamente associada à Fazenda Quissamã e ao Visconde de Araruama. No painel (Figura 7), a preservação do patrimônio é apresentada como parte de um projeto de valorização da história e das tradições do município, sendo mencionada, inclusive, a restauração do conjunto arquitetônico de Machadinha e a recuperação de dez senzalas. Essa referência demonstra que a memória negra e escravista não está inteiramente ausente da narrativa institucional, embora sua incorporação ocorra de forma mais pontual e vinculada à preservação patrimonial. No conjunto da exposição, permanecem mais desenvolvidas as trajetórias, genealogias e referências associadas às famílias proprietárias e à Casa Grande, o que evidencia posições distintas na construção da memória pública de Quissamã. Bem como, nos ajuda a compreender como a narrativa apresentada no museu se vincula a uma continuidade entre poder político local, memória familiar e valorização do passado senhorial.

Figura 7. Fotografia da abertura do acervo "História de Quissamã"



Fonte: Acervo pessoal do autor (2026)

Dessa forma, o que podemos observar na análise configura-se como o que, na seção anterior, antecipamos como "Trauma do Esquecimento", conforme proposto por Castiel Vitorino Brasileiro (2022): há um cultivo das memórias dos colonizadores na construção da memória coletiva oficial, selecionando o que deve ser lembrado e esquecido; nesse jogo as histórias das populações negras e indígenas não são celebradas e lembradas. Assim, o trauma se estabelece pelo não lembrar, construindo identidades e histórias disfóricas sobre o território.

Tal trauma se prolonga em processos históricos, políticos e econômicos que contribuem para a permanência de lógicas coloniais e para a centralidade da branquitude na narrativa sobre a história local. Nesse processo, cultiva-se o encanto pela Casa Grande e por suas famílias "centrais", cuja memória é associada ao desenvolvimento, ao progresso e à formação do município, enquanto a escravização que sustentou essa ordem social tende a ser secundarizada ou incorporada à narrativa como parte de um suposto processo civilizatório. Cria-se, assim, um terreno favorável à celebração dessas memórias: ao serem apresentadas como símbolos de prosperidade e constituição do município, tornam-se passíveis de orgulho e preservação, ao mesmo tempo que as relações de violência e exploração que possibilitaram essa prosperidade perdem centralidade na memória pública.

Sendo assim, embora o próprio nome do município tenha origem africana e seu território tenha sido historicamente ocupado por diferentes povos indígenas e populações negras, essas experiências não recebem o mesmo destaque nessa instituição de memória. Essa seleção do que deve ser lembrado, preservado e celebrado pode dificultar o reconhecimento dos diferentes grupos que constituíram o município em sua própria história, além de contribuir para uma relação disfórica com a identidade, a história e a comunidade local, alcançando, de maneiras distintas, sujeitos brancos, negros e indígenas.

Considerações finais

A análise articulada da exposição permanente presente do Museu Casa Quissamã e do mapa turístico do município permitiu compreender que a memória pública além de atuar como preservação do passado, também é utilizada como mecanismo de hierarquização de identidades sociais. Ao selecionar determinadas imagens, lugares, personagens e edificações para compor suas narrativas visuais, o museu e o mapa participam ativamente da construção de representações sobre o município e sobre os sujeitos considerados relevantes para sua história.

De maneira que, observou-se que os dois dispositivos valorizam, de modo recorrente, o patrimônio arquitetônico, as antigas fazendas, os casarões, as ruínas, a igreja, os espaços administrativos e as trajetórias vinculadas às famílias proprietárias e às elites locais. Essa valorização reforça a centralidade de uma memória aristocrática e senhorial, na qual a Casa Grande e seus personagens aparecem como símbolos privilegiados da identidade quissamaense.

Em contrapartida, as populações negras, indígenas e quilombolas aparecem de forma reduzida, secundária ou pouco nomeada. No museu, há poucos materiais dedicados a essas memórias, e os povos indígenas não recebem quaisquer representações equivalentes. No mapa, Machadinha é incluída como ponto turístico, mas sua apresentação privilegia a ruína da antiga fazenda, deixando em segundo plano a comunidade quilombola, a antiga senzala, o memorial e as práticas culturais vivas do território.

Desse modo, o Museu Casa Quissamã e o mapa turístico evidenciam que a memória pode funcionar simultaneamente como preservação e silenciamento. Ao mesmo tempo em que guardam imagens, lugares e vestígios do passado, esses dispositivos também produzem ausências, subordinam determinadas experiências e estabilizam uma narrativa oficial marcada pela centralidade da Casa Grande. A ampliação das narrativas sobre Quissamã exige, portanto, reconhecer as memórias negras, indígenas e quilombolas para além de elementos laterais da história local, e sim como dimensões constitutivas de sua identidade social e territorial do município.

Referências

ABREU, M. A. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras**, Porto, v. 14, n. 1, p. 77-97, 1998. Disponível em: https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1609.pdf. Acesso em: 29 out. 2026.

ALVES, H. C. M. **A elite local e a modernização urbana em Campos dos Goytacazes**: um projeto político 1930-50. 2013. 174 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2013. Disponível em: https://uenf.br/posgraduacao/sociologia-politica/wp-content/uploads/sites/9/2013/03/Tese-Helo.pdf. Acesso em: 4 set. 2026.

BENTO, C. **O pacto da branquitude**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASILEIRO, C. V. **Quando o sol aqui não mais brilhar**: a falência da negritude. São Paulo: n-1 Edições, 2022.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1994.

ELIAS, N. **Teoría del símbolo**: un ensayo de antropología cultural. Barcelona: Península, 1994.

FARIAS, E.; NERY, S. Apresentação Dossiê Multimodalidade da Memória: Corpo, Narrativa e Teoria Social. **Arquivos do CMD**, v. 4, n. 1, p. 9-13, 2016. DOI: https://doi.org/10.26512/cmd.v4i1.9154. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/CMD/article/view/9154. Acesso em: 4 set. 2026.

FERNANDES, R. R. **O passado que se faz presente**: análise das tradições materializadas em ações de salvaguarda de patrimônio histórico e cultural de Quissamã-RJ (1989-2016). 2017. 322 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2017. Disponível em: https://uenf.br/posgraduacao/sociologia-politica/wp-content/uploads/sites/9/2022/09/Tese-Rogerio-Ribeiro-Fernandes.pdf. Acesso em: 4 set. 2026.

LEITE, M. E. Fotografia e sociedade no Brasil Imperial: a heterogeneidade humana e social fixada pela fotografia (1840-1889). **Cadernos de Campo**, n. 7, p. 91-108, 2001. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/10337. Acesso em: 4 set. 2026.

PAIVA, M. C. Entre a lembrança e o esquecimento: memória, história e patrimônio cultural afro-brasileiros. **Revista Brasileira de História,** v. 41, n. 88, p. 57-80, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/1806-93472021v41n88-05. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbh/a/q9hD3F5qsTV4TmF4mqzkxQJ. Acesso em: 4 set. 2026.

QUISSAMÃ (RJ). Lei Complementar nº 12, de 2 de dezembro de 2022. **Plano Diretor do Município de Quissamã**. Quissamã, RJ: Câmara Municipal de Quissamã, 2022. Disponível em: https://portal.quissama.rj.gov.br/arquivos/6020/LC%20%20LEI%20COMPLEMENTAR_12_2022_0000001.pdf. Acesso em: 2 out. 2026.

QUISSAMÃ (RJ). **Mapa turístico de Quissamã-RJ**. Quissamã: Prefeitura Municipal, 2023. Disponível em: https://turismo.quissama.rj.gov.br/wp-content/uploads/2023/03/MAPA-QUISSAMA.pdf. Acesso em: 13 jun. 2026.

QUISSAMÃ (RJ). **Museu Casa Quissamã**. Quissamã: Prefeitura Municipal, [2026]. Disponível em: https://portal.quissama.rj.gov.br/unidadecultura.php?id=56. Acesso em: 3 jun. 2026.

SILVA, S. L. P. **Gozo estético na cultura visual**: fotografia, memória e alienação social. Curitiba: Appris, 2020.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

COMO CITAR ESTE ARTIGO SEGUNDO AS NORMAS DA REVISTA

ABNT: SILVA, P. H. P.; RIBEIRO, N. R. C. Memórias da Casa Grande: hierarquias simbólicas e apagamentos na narrativa turística e museológica de Quissamã-RJ. *Vértices (Campos dos Goitacazes)*, v. 28, n. 3, p. e28323741, 2026. DOI: https://doi.org/10.19180/1809-2667.v28n32026.23741. Disponível em: https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/23741.

APA: Silva, P. H. P., & Ribeiro, N. R. C. (2026). Memórias da Casa Grande: hierarquias simbólicas e apagamentos na narrativa turística e museológica de Quissamã-RJ. *Vértices (Campos dos Goitacazes)*, *28*(3), e28323741. https://doi.org/10.19180/1809-2667.v28n32026.23741

DADOS DO AUTOR E AFILIAÇÃO INSTITUCIONAL

Paulo Henrique Prado da Silva – Bacharel em Formação de Psicólogo pela Universidade Federal Fluminense. Doutorando em Sociologia Política na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) – Campos dos Goytacazes/RJ – Brasil. E-mail: 1pauloprado@gmail.com.

Natália Rodrigues Codeço Ribeiro – Mestra em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (2026). Doutoranda (Bolsista CAPES) em Sociologia Política no Programa de Pós-graduação em Sociologia Política (PPGSP) da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) – Campos dos Goytacazes/RJ – Brasil. E-mail: nataliarcodecor@gmail.com.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

P.H.P.S.: conceitualização; metodologia; investigação; curadoria de dados relativos ao museu; análise formal; escrita – rascunho original; **N.R.C.R.:** conceitualização; investigação; curadoria de dados relativos ao mapa; análise formal; escrita – revisão e edição.

FINANCIAMENTO

Os autores declararam ter havido financiamento externo via Bolsa CAPES e Bolsa FAPERJ Doutorado Nota 10 para esta pesquisa.

APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA NA PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declararam não haver conflito de interesses.

DISPONIBILIDADE DOS DADOS

Os autores declararam não haver dados disponíveis em repositórios.

DECLARAÇÃO DE USO DE IA

Os autores declaram ter havido utilização de ferramentas de inteligência artificial generativa como assistente na elaboração deste trabalho, conforme detalhado a seguir: i. Ferramenta utilizada: ChatGPT (OpenAI); ii. Prompt utilizado: além do texto a seguir, foram anexadas à ferramenta as imagens dos nove pontos turísticos, já previamente recortados pelos autores a partir do mapa turístico oficial de Quissamã-RJ. Texto do prompt: "Recorte cada um dos pontos turísticos destacados no mapa oficial de Quissamã, ampliando a ilustração e o respectivo nome sem modificar o conteúdo original. Preserve as cores, os traços, a tipografia e o estilo visual do mapa, garantindo boa resolução e legibilidade para utilização em artigo acadêmico. Os nove locais destacados eram: Casa de Quissamã/Museu, Solar de Mandiquera, Fazenda São Manoel, Fazenda Machadinha, Igreja Matriz de Nossa Senhora do Desterro, Casa da Família Silva, Prefeitura, Casa Mato de Pipa e Sobradinho."; iii. Uso do resultado obtido: a partir das imagens dos nove pontos turísticos já recortadas pelos autores diretamente do mapa turístico oficial de Quissamã-RJ (Prefeitura Municipal de Quissamã), a ferramenta foi utilizada para organizar essas imagens em uma única grade, padronizando o enquadramento e o destaque de cada ponto, sem gerar ou alterar o conteúdo visual original. O resultado foi utilizado como a Figura 2 ("Destaques do Mapa") deste artigo.

DECLARAÇÃO DE DIREITO AUTORAL

Este documento é protegido por Copyright © 2026 pelos Autores.

LICENÇA DE USO

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons. Os usuários têm permissão para copiar e redistribuir os trabalhos por qualquer meio ou formato, e também para, tendo como base o seu conteúdo, reutilizar, transformar ou criar, com propósitos legais, até comerciais, desde que citada a fonte.

RESPONSABILIDADE PELA PUBLICAÇÃO

Essentia Editora, coordenação subordinada à PROPPIE do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da Essentia Editora.